

Entrada 14.50
Distrito Público
Data 15.07.2003
Assinatura da Mesa
João P. de A.



Voto de Pesar pela morte do escritor Augusto Abelaira (1926-2003)

№ 72/1x

Ao longo dos quarenta e quatro anos da sua carreira literária, o escritor Augusto Abelaira habituou-nos à sua presença discreta mas sempre interventora – tanto na vida cultural portuguesa, *stricto sensu*, como naquilo que geralmente se entende como a Vida de um país: Abelaira foi jornalista, e todos o recordaremos pelas suas crónicas em jornais como “O Século”, “O Jornal”, ou o “JL”, nas quais comentava, com um notável sentido de ironia, as coisas da vida e dos homens a que ia assistindo. Abelaira desempenhou cargos públicos de responsabilidade, como director adjunto de programas da RTP, ou membro do Conselho de Imprensa e do Conselho de Comunicação Social; foi director de publicações tão importantes na história recente da cultura e da comunicação social do nosso país, como a *Seara Nova* ou a *Vida Mundial*; foi presidente da Associação Portuguesa de Escritores; foi activista político, militando no MUD Juvenil, subscrevendo manifestos contra a Ditadura, sendo duas vezes detido pela PIDE, uma delas em 1965, por causa da atribuição do Prémio da Sociedade Portuguesa de Escritores, por um júri por ele presidido, ao escritor Luandino Vieira. Mas Abelaira foi com todo o peso da palavra, e cremos que como tal ficará para a História, um **Escritor**: inicialmente tentado pela poesia, acabaria por se dedicar à ficção, tendo publicado 15 livros de romance, conto e teatro, deixando-nos ainda um romance em fase de acabamentos.

Augusto Abelaira nunca foi daqueles escritores que encaram a sua actividade e os seus livros como um meio para a satisfação das vaidades pessoais nas passarelas sociais. Como alguém disse, dando eco à voz popular, Augusto

Abelaira foi escritor que nunca se pôs em bicos de pés : e no entanto, todos aqueles que em Portugal lêem livros, e também jornais e revistas, sabem quem ele foi, e que sempre esteve ali, ao nosso lado, a comentar-nos ao ouvido a História colectiva de Portugal – onde todos nós, como se pode ver nos livros que nos deixou, também desempenhamos um papel. Foi por isso que Abelaira nunca foi um escritor de grandes públicos ; mas também foi por isso que o meio literário português o reconheceu, ainda que tardiamente – atribuindo-lhe o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, com o livro *Outrora Agora* (1996), o 14.º dos seus 15 livros publicados...

Entre as páginas dos jornais e revistas onde publicou crónicas ; entre as páginas e as personagens dos livros que foi publicando desde 1959, com *A Cidade das Flores*, até ao inédito e póstumo *Nem só, mas também*, passando por *Bolor* (1968), *Sem Tecto entre Ruínas* (1978) ou *O Triunfo da Morte* (1981) ; e entre os ecos das longas conversas e discussões sem fim sobre tudo, que tão bem soube cultivar – Augusto Abelaira ficará entre nós ainda por muito tempo, até porque ele é pessoa que nos faz falta : na verdade, é ainda a custo que nós, os que lhe sobrevivemos, tentamos soletrar as frases do fadário português que ele – como escritor, como jornalista, e como conversador – tão bem soube pronunciar.

Por isso, a Assembleia da República ergue-se em sentida homenagem a Augusto Abelaira, recordando o Homem que – “nem só, mas também”, por meio da sua vida e dos seus livros – triunfou da morte.

Palácio de São Bento, 15 de Julho de 2003.

Luiz Fagundes Duarte
 Guilherme d'Assis
 Maria Cristina Granada
 Henrique
 Alentejo Correia
 Paulo de Sousa Carneiro